

NATALIA GINZBURG

As pequenas virtudes

Tradução

Maurício Santana Dias



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1962, 1998 by Giulio Einaudi editore s.p.a., Turim.
Primeira edição “Saggi”, 1962

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Le piccole virtù

Capa
Raul Loureiro

Foto de capa
Louise Bourgeois, *Sem título*, 2005.
© Fundação Easton/ AUTVIS, 2019

Revisão
Valquíria Della Pozza
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ginzburg, Natalia
As pequenas virtudes / Natalia Ginzburg; Tradução Maurício
Santana Dias — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2020.

Título original: Le piccole virtù.
ISBN 978-85-359-3297-3

1. Ensaios italianos I. Garboli, Cesare. II. Título.

19-30629

CDD-854

Índice para catálogo sistemático:

1. Ensaios : Literatura italiana 854

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Advertência, 7

PRIMEIRA PARTE

Inverno em Abruzzo, 13

Os sapatos rotos, 19

Retrato de um amigo, 23

Elogio e lamento da Inglaterra, 32

La Maison Volpé, 41

Ele e eu, 48

SEGUNDA PARTE

O filho do homem, 63

O meu ofício, 67

Silêncio, 83

As relações humanas, 88

As pequenas virtudes, 110

Advertência

Os ensaios aqui reunidos saíram em vários jornais e revistas. Agradeço aos jornais e às revistas que me permitiram republicá-los.

Eles foram escritos nos seguintes anos e lugares:

“Inverno em Abruzzo”, escrito em Roma, no outono de 1944, e publicado em *Aretusa*.

“Os sapatos rotos”, escrito em Roma, no outono de 1945, e publicado no *Politecnico*.

“Retrato de um amigo”, escrito em Roma, em 1957, e lançado no *Radiocorriere*.

“Elogio e lamento da Inglaterra”, escrito em Londres, na primavera de 1961, e publicado no *Mondo*.

“La Maison Volpé”, escrito em Londres, na primavera de 1960, e publicado no *Mondo*.

“Ele e eu”, escrito em Roma, no verão de 1962, e, pelo que sei, ainda inédito.

“O filho do homem”, escrito em Turim, em 1946, e publicado no *Unità*.

“O meu ofício”, escrito em Turim, no outono de 1949, e publicado no *Ponte*.

“Silêncio”, escrito em Turim, em 1951, e publicado em *Cultura e Realtà*.

“As relações humanas”, escrito em Roma, na primavera de 1953, e publicado no *Terza Generazione*.

“As pequenas virtudes”, escrito em Londres, na primavera de 1960, e publicado em *Nuovi Argomenti*.

As datas são importantes e indicativas, porque explicam as mudanças de estilo. Não acrescentei correções a quase nenhum destes textos, já que sou incapaz de corrigir um texto meu, exceto no exato momento em que o escrevo. Passado um tempo, não sei mais corrigir. Assim este livro talvez não tenha muita uniformidade de estilo, e por isso peço desculpas.

Dedico o livro a um amigo meu, cujo nome não vou revelar. Ele não está presente em nenhum destes escritos e, no entanto, foi meu interlocutor secreto em grande parte deles. Eu não teria escrito muitos destes ensaios caso não tivesse conversado várias vezes com ele, que deu legitimidade e liberdade de expressão a certas coisas que eu tinha pensado.

Deixo-lhe aqui o meu afeto e o testemunho de minha grande amizade, passada, como toda verdadeira amizade, através do fogo das mais violentas discórdias.

Roma, outubro de 1962.

Não creio que tenha muito a acrescentar ao que já disse sobre esta coletânea de textos quando ela saiu, em 1962.

Quanto a “Inverno em Abruzzo”, talvez seja preciso explicar a frase “aquilo era um exílio”: no Abruzzo estávamos confinados, ou melhor, éramos “internos civis de guerra”; o povoado ficava nas vizinhanças da cidade de Aquila, e talvez por isso houvesse uma águia pintada no teto de um cômodo de nossa casa. Ficamos três anos naquele vilarejo. Desde então, pelo que me dizem, o lugar mudou muito; tornou-se um centro turístico, um lugar de férias; não o revi nessa nova forma, nem desejo revê-lo; embora entenda o quanto é bom que tenha mudado, que tenham sido construídos hotéis e restaurantes lá. Na época havia uma só pousada, a pousada Vittoria: eram três quartos ao todo; e os proprietários, uma mãe viúva com três filhos, eram daquelas pessoas mais queridas, humanas e hospitaleiras que se possam encontrar. Mas, pelo que sei, eles foram embora de lá para viver em outro lugar, e a pousada Vittoria, com a cozinha onde se ficava no inverno e o terraço onde se ficava no verão, não existe mais.

De resto, muitos dos lugares sobre os quais se fala neste livro se transformaram; em “Retrato de um amigo”, a cidade mencionada é certamente irreconhecível.

Roma, outubro de 1983.

PRIMEIRA PARTE

Inverno em Abruzzo

*Deus nobis haec otia fecit.**

Em Abruzzo só há duas estações: o verão e o inverno. A primavera é coberta de neve e cheia de ventos como o inverno, e o outono é quente e límpido como o verão. O verão começa em junho e termina em novembro. Os longos dias ensolarados sobre as colinas baixas e queimadas, a poeira amarela da estrada e a disenteria das crianças terminam, e o inverno começa. Então as pessoas deixam as ruas: os meninos descalços somem das escadarias da igreja. Na cidade de que estou falando, quase todos os homens desapareciam depois das últimas colheitas: iam trabalhar em Terni, em Sulmona, em Roma. A cidade era um vilarejo de pedreiros: e algumas casas eram construídas com graça, tinham terraços e coluninhas como pequenas mansões, e causava espanto encontrar, na entrada, grandes cozinhas escuras com presuntos pendurados e amplos cômodos esqualidos e vazios. Nas

* “Deus nos concedeu este descanso”, palavras com que Virgílio agradece a Augusto nas *Éclogas*, usadas quase sempre de modo satírico. [Todas as notas são do tradutor.]

cozinhas, o fogareiro ficava aceso e havia vários tipos de fogo, havia grandes fogos feitos com toras de carvalho, fogos de galhos e folhas, fogos de gravetos recolhidos um a um pelas ruas. Era mais fácil identificar os pobres e os ricos olhando o fogareiro aceso do que observando as casas e as pessoas, as roupas e os sapatos, que eram mais ou menos iguais para todos.

Quando cheguei a essa cidade, nos primeiros tempos, todos os rostos me pareciam iguais, todas as mulheres se assemelhavam, ricas e pobres, jovens e velhas. Quase todas tinham a boca desdentada: ali as mulheres perdem os dentes aos trinta anos, por cansaço ou má alimentação, pelos maus-tratos dos parceiros e dos aleitamentos que se sucedem sem trégua. Mas depois, pouco a pouco, comecei a distinguir Vincenzina de Secondina, Annunziata de Addolorata, e comecei a entrar em cada casa e a me esquentar naqueles diversos fogareiros.

Quando a primeira neve começava a cair, uma lenta tristeza se apossava de nós. Aquilo era um exílio: nossa cidade estava longe, e longe estavam nossos livros, os amigos, as várias e cambiantes vicissitudes de uma verdadeira existência. Acendíamos nossa estufa verde, com o longo tubo que atravessava o teto: nos reuníamos todos na sala onde ficava a estufa, e ali se cozinhava e comia, meu marido escrevia na grande mesa oval, os meninos espalhavam os brinquedos no pavimento. No teto da sala havia uma águia pintada: e eu olhava a águia e pensava que aquilo era o exílio. O exílio era a águia, era a estufa verde que chiava, era o vasto e silencioso campo e a neve imóvel. Às cinco os sinos da igreja de Santa Maria tocavam, e as mulheres iam receber a bênção com seus xales pretos e os rostos vermelhos. Todas as tardes meu marido e eu dávamos um passeio: todas as tardes caminhávamos de braços dados, afundando os pés na neve. As casas que margeavam a rua eram habitadas por gente conhecida e amiga, e todos vinham à porta e nos diziam: “Muita saúde e paz”. Al-

guém às vezes perguntava: “Mas quando vão voltar para casa?”. E meu marido dizia: “Quando terminar a guerra”. “E quando essa guerra acaba? Você, que sabe tudo e é um professor, quando vai acabar?” Chamavam meu marido de “o professor”, já que não sabiam pronunciar seu nome, e vinham de longe para consultá-lo sobre as coisas mais variadas, sobre a melhor estação do ano para arrancar os dentes, sobre os subsídios que a prefeitura dava e sobre as taxas e os impostos.

No inverno alguns velhos partiam por causa de uma pneumonia, os sinos de Santa Maria dobravam, e Domenico Orecchia, o marceneiro, fabricava o caixão. Uma mulher enlouqueceu, a levaram ao manicômio de Collemaggio e a cidade falou disso por um bocado de tempo. Era uma mulher jovem e asseada, a mais asseada de toda a cidade: disseram que tinha ficado assim por excesso de asseio. Gigetto di Calcedonio teve duas gêmeas, além dos dois gêmeos que já tinha em casa, e fez um escarcéu na prefeitura porque lhe negavam o subsídio, visto que possuía muitos lotes de terra e uma horta maior que a cidade. Quanto a Rosa, a bedel da escola, uma vizinha lhe cuspiu no olho e ela circulava com esse olho enfaixado, para que lhe pagassem uma indenização. “O olho é delicado, o cuspe é salgado”, explicava. E sobre isso também se falou um bocado, até que não houve mais nada a dizer.

A saudade aumentava dia a dia em nós. Certas vezes era até prazerosa, como uma companhia terna e levemente inebriante. Chegavam cartas da nossa cidade com notícias de casamentos e de mortes dos quais éramos excluídos. Às vezes a saudade era aguda e amarga, e se tornava ódio: então odiávamos Domenico Orecchia, Gigetto di Calcedonio, Annunziatina, os sinos de Santa Maria. Mas era um ódio que mantínhamos oculto, reconhecendo que era injusto: e nossa casa estava sempre cheia de gente, que vinha tanto para pedir favores quanto para oferecê-los. Às

vezes a costureirinha vinha preparar *sagnoccole*. Metia um pano na cintura, batia os ovos e mandava Crocetta circular pela cidade em busca de um caldeirão emprestado, mas daqueles bem grandes. Seu rosto vermelho ficava absorto e os olhos resplandeciam numa vontade imperiosa. Teria incendiado a casa para que suas *sagnoccole* ficassem boas. O vestido e os cabelos se cobriam de farinha branca, e sobre a mesa oval onde meu marido escrevia eram colocadas as *sagnoccole*.

Crocetta era nossa empregada. Ainda nem era uma mulher, porque tinha apenas catorze anos. Foi a costureira que a encontrou para nós. A costureira dividia o mundo em dois times: os que se penteiam e os que não se penteiam. Dos que não se penteiam era preciso manter distância, porque naturalmente tinham piolhos. Crocetta se penteava: por isso veio trabalhar para nós, e contava aos meninos longas histórias de mortos e cemitérios. Era uma vez um menino que perdeu a mãe. Seu pai arranhou outra mulher, e a madrasta não gostava do menino. Por isso o matou enquanto o pai estava no campo e com ele fez um ensopado. O pai volta para casa e come, mas, depois de comer, os ossos que ficaram no prato se puseram a cantar:

*E la mia trista matrea
Mi ci ha cotto in caldarea
E mio padre ghiottò
Mi ci ha fatto 'nu bravo bocchè.**

Aí o pai mata a mulher com uma foice e a pendura num prego diante da porta. Às vezes me pego murmurando as palavras dessa canção, e então toda a cidade ressurgue diante de mim, e

* Cantiga em dialeto. Tradução livre: “Minha madrasta malvada/ Cozinhou-me num caldeirão/ E meu pai glutão/ Devorou-me numa grande garfada”.

com ela o sabor específico daquelas estações, com o sopro gelado do vento e o repicar dos sinos.

Toda manhã eu saía com meus meninos, e o pessoal se espantava e desaprovava que eu os expusesse ao frio e à neve. “Que mal fizeram essas criaturas?”, diziam. “Não é tempo de passear, senhora. Volte para casa.” Caminhávamos longamente pelos campos brancos e desertos, e as raras pessoas que eu encontrava olhavam os meninos com piedade. “Mas que pecado eles cometeram?”, me diziam. Lá, quando nasce uma criança no inverno, não a levam para fora do quarto até que chegue o próximo verão. Ao meio-dia meu marido vinha me encontrar com a correspondência, e voltávamos todos juntos para casa.

Eu falava aos meninos da nossa cidade. Eram muito pequenos quando a deixamos, não tinham nenhuma lembrança dela. Eu lhes dizia que lá as casas tinham muitos andares, havia muitas casas e muitas ruas e uma porção de lojas lindas. “Mas aqui também tem Girò”, diziam os meninos.

A venda de Girò ficava bem em frente à nossa casa. Girò se postava na porta feito uma velha coruja, seus olhos redondos e indiferentes fixos na rua. Vendia um pouco de tudo: gêneros alimentícios e velas, cartões, sapatos e laranjas. Quando a mercadoria chegava e Girò descarregava as caixas, os meninos corriam para comer as laranjas podres que ele jogava fora. No Natal chegavam também os torrones, os licores, as balas. Mas ele não abaixava um centavo do preço. “Como você é mau, Girò”, lhe diziam as mulheres. E ele respondia: “Quem é bom vira comida de cachorro”. No Natal os homens voltavam de Terni, de Sulmona, de Roma, ficavam uns dias e tornavam a partir, depois de terem abatido os porcos. Por alguns dias só se comia torresmo ou linguiça e só se fazia beber: depois os berros dos leitõezinhos novos enchiam as estradas.

Em fevereiro o ar se tornava úmido e macio. Nuvens cin-

zetas e carregadas vagavam pelo céu. Houve um ano em que, durante o degelo, as calhas se romperam. Então começou a chover dentro de casa, e os quartos eram verdadeiros pântanos. Mas foi assim em todo o vilarejo: nem uma só casa ficou seca. As mulheres esvaziavam os baldes pelas janelas e varriam a água das portas. Teve gente que foi para a cama de guarda-chuva. Domenico Orecchia dizia que era o castigo por algum pecado. Isso durou mais de uma semana; depois, finalmente toda a neve desapareceu dos telhados e Aristide consertou as calhas.

O fim do inverno despertava em nós uma inquietude. Talvez alguém viesse nos visitar: talvez finalmente acontecesse alguma coisa. Nosso exílio afinal devia ter um fim. Os caminhos que nos separavam do mundo pareciam mais curtos: a correspondência chegava com mais frequência. Todas as nossas frieiras melhoravam lentamente.

Há certa uniformidade monótona nos destinos dos homens. Nossa existência se desenvolve segundo leis antigas e imutáveis, segundo uma cadência própria, uniforme e antiga. Os sonhos nunca se realizam, e assim que os vemos em frangalhos compreendemos subitamente que as alegrias maiores de nossa vida estão fora da realidade. Assim que os vemos em pedaços, nos consumimos de saudade pelo tempo em que ferviam em nós. Nossa sorte transcorre nessa alternância de esperanças e nostalgias.

Meu marido morreu em Roma, nas prisões de Regina Coeli, poucos meses depois de termos deixado o vilarejo. Diante do horror de sua morte solitária, diante das angustiantes vacilações que a antecederam, eu me pergunto se isso aconteceu a nós, a nós, que comprávamos as laranjas de Girò e íamos passear na neve. Na época eu tinha fé num futuro fácil e feliz, rico de desejos satisfeitos, de experiências e de conquistas em comum. Mas aquele era o tempo melhor da minha vida, e só agora, que me escapou para sempre, só agora eu sei.